

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA AGENTES INDÍGENAS DE SAÚDE (AIS) E AGENTES INDÍGENAS DE SANEAMENTO (AISAN): UMA ANÁLISE DOCUMENTAL

SALATIEL DA ROCHA GOMES¹; GEYCIELLE DE OLIVEIRA BATISTA²; LILIANE COSTA DE OLIVEIRA³; JACKELINE SARMENTO GOMES⁴

¹ Pós-doutorando em Educação (Universidade de Paso Fundo), Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM), Analista Técnico Educacional do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (Cetam). E-mail: salatielrocha@yahoo.com.br.

² Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação Enfermagem no Contexto Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (PPGENF-MP/UFAM). E-mail: geycielleo@gmail.com

³ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia, Mestra em Sociologia, Cientista Social. Professora de Sociologia na Secretaria de Educação do Estado do Amazonas. E-mail: professora.mali10@gmail.com

⁴ Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA), professora e pedagoga da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: jackeline.sarmiento@semed.manaus.am.gov.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo basilar avaliar a formação profissional para Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN), a partir das diretrizes curriculares nacionais e dos materiais didáticos elaborados pelo Ministério da Saúde, ambos elaborados pelo Ministério da Saúde, com o apoio de pesquisadores e instituições de ensino e profissionais dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). Utilizou-se, como caminho metodológico, a análise documental e a abordagem qualitativa. Identificou-se, por meio da análise dos documentos, que existe um alinhamento das diretrizes curriculares nacionais e materiais didáticos para a formação desses agentes com os processos de trabalho em saúde e com as políticas públicas de valorização dos povos indígenas. Constatamos, ainda, a preocupação com a linguagem e a cultura, assim como a identificação de uma abordagem contextualizada das temáticas que integram a medicina ocidental com a medicina tradicional dos indígenas.

Palavras-chave: Agentes Indígenas de Saúde; Agentes Indígenas de Saneamento; Formação Profissional; Material didático

PROFESSIONAL TRAINING FOR INDIGENOUS HEALTH AGENTS (AIS) AND INDIGENOUS SANITATION AGENTS (AISAN): A DOCUMENTAL ANALYSIS

ABSTRACT

This article has the basic objective of evaluating professional training for Indigenous Health Agents (AIS) and Indigenous Sanitation Agents (AISAN), based on national curricular guidelines and teaching materials prepared by the Ministry of Health, both prepared by the Ministry of Health, with the support of researchers and educational institutions and professionals from Special Indigenous Health Districts (DSEIs). Document analysis and a qualitative approach were used as a methodological path. It was identified, through analysis of documents, that there is an alignment of national curricular guidelines and teaching materials for the training of these agents with health work processes and public policies for valuing indigenous peoples. We also note the concern with language and culture, as well as the identification of a contextualized approach to the themes that integrate Western medicine with traditional indigenous medicine.

Keywords: Indigenous Health Agents; Indigenous Sanitation Agents; Professional qualification; Courseware.

1 INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde em parceria com a Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde e o Departamento de Gestão da Educação na Saúde publicaram em 2018 a obra “Agente Indígena de Saúde e Agente Indígena de Saneamento: diretrizes e orientações para a qualificação”, e nela sinalizaram três áreas temáticas para a operacionalização dos conteúdos, os quais devem ser contemplados, sobretudo, nos materiais didáticos dos cursos de formação.

Mas, anterior à essa obra, que orienta os cursos de formação promovidos pelo Ministérios da Saúde nos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) do Mato Grosso do Sul, em 2016, lançou o Projeto de estruturação de capacitação e de qualificação do agente indígena de saúde e de saneamento, visando elaborar as competências, as diretrizes e orientações, bem como a produção de material didático específico para esse tipo de profissionalização.

Até essa época ainda haviam poucos materiais de capacitação e didáticos voltados para a formação do agente em saúde indígena, cuja atuação deveria ser garantida conforme os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), articulado à diversidade étnica dos povos étnicos do Brasil. A iniciativa da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Saúde (SGTES), da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e da Fundação Oswaldo Cruz de Campo Grande (FIOCRUZ/MT) foi importante para elevar a formação do AIS e AISAN nos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIS) espalhados pelo país.

Os AIS e os AISAN estão distribuídos em todas as regiões do país e contribuem significativamente para os avanços e as melhorias da saúde dos povos indígenas brasileiros, principalmente nas ações voltadas à redução da mortalidade infantil, cobertura pré-natal, melhorias nas condições sanitárias, acesso à água de qualidade, acompanhamento das crianças, vacinação e vigilância à saúde da população indígena em geral (BRASIL, 2016, p. 07).

Esses profissionais são fundamentais na promoção da qualidade de vida dos povos indígenas. Trata-se de trabalhadores indígenas, os quais pertencem as diversas comunidades étnicas, e o exercício dessa profissão os coloca como protagonistas na organização e no desenvolvimento de ações inovadoras e adequadas que atendam a realidade social dos contextos indígenas.

Através dessas parcerias que coletivamente trabalharam para a elaboração de um material didático foi também importante produzir uma Estrutura Curricular, que está fundamentada em três áreas temáticas como mostrou o quadro na seção acima. Portanto, a obra “Agente Indígena de Saúde e Agente Indígena de Saneamento: diretrizes e orientações para a

qualificação” e o material pedagógico do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” se juntam, ampliando a política pública voltada para a formação dos profissionais que trabalham no campo da saúde indígena. Nas próximas seção, avaliaremos esse material didático.

Portanto, neste artigo destacamos algumas análises acerca do material didático do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)”. Esse material tem sido adotado pelos/as docentes que fazem parte desse Programa de formação e foi escrito por profissionais das mais diversas áreas como antropólogos/as, enfermeiros/as, geógrafos/as, especialistas em saúde pública e administração hospitalar; especialistas em educação escolar indígena, nutricionistas, médicos/as, engenheiros/as sanitários, entre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A qualificação profissional e o material didático

Em suas diretrizes e orientações para a qualificação do/da Agente Indígena de Saúde (AIS) e do/da Agente Indígena de Saneamento (AISAN), o Ministério da Saúde deixa claro que o “material didático deverá ser pertinente ao desenvolvimento das atividades do programa de qualificação de AIS (vídeos, textos e outros documentos), e disponibilizados em quantidade suficiente para uso e consulta dos alunos do curso” (BRASIL, 2018, p. 40).

Nesse sentido, o “Programa de Qualificação” se fundamenta em três etapas: “o mapa de competências e o marco de orientação curricular para o “Curso de Qualificação do AIS e do AISAN”; a elaboração de material didático para o referido curso e as diretrizes para formação técnico-pedagógica de docentes que atuarão nos cursos”. Tais etapas são fundamentais e necessárias e devem se articular à formação do agente indígena (BRASIL, 2018, p. 64).

Quadro 1: Mapa de Competências da Formação de Agentes Indígenas

Mapa de Competência	Estrutura Curricular - Áreas Temáticas
1 - Desenvolver, em equipe, ações de promoção da saúde e cidadania, considerando o território socioambiental, os contextos interculturais e intersetoriais e a qualidade de vida da população indígena.	Promoção da saúde no território indígena - Competências 1 e 3
2 - Realizar, em equipe, ações de prevenção de doenças e agravos, e de recuperação da saúde, fundamentadas	

no ciclo de vida, no perfil epidemiológico da população indígena, nas diretrizes e protocolos da atenção básica, articuladas aos cuidados e práticas tradicionais.	Processo de trabalho do agente indígena de saúde - Competência 4
3 - Produzir e analisar informações, fundamentadas no modelo de vigilância em saúde, incorporando a percepção da comunidade indígena sobre o processo saúde-doença, para subsidiar o planejamento das ações em equipe e o controle social.	Ações de prevenção a agravos e doenças e recuperação da saúde dos povos indígenas - Competências 2, 3 e 5
4 - Organizar e desenvolver o processo de trabalho em equipe, considerando seu espaço de atuação, a área de abrangência de seu Polo-base, a organização do DSEI, a articulação intersetorial e a rede de referência do SUS, com base na atenção diferenciada à saúde.	
5 - Realizar ações de primeiros socorros, considerando também as práticas e saberes tradicionais, visando à preservação da vida	Fonte: BRASIL, 2018.

Fonte: Brasil (2018)

Como mostra o quadro acima, a 1ª etapa, o Mapa de Competências se conecta a 2ª etapa, a Estrutura Curricular dos cursos de formação, logo, ambas evidenciam a necessidade da 3ª etapa no que tange a elaboração de material e recursos educativos para a qualificação do AIS e do AISAN. É de suma relevância a produção de materiais didáticos para a formação destes profissionais, uma vez que em determinados lugares do país esse recurso é o único meio de consulta e de orientação.

Os materiais educativos indicados ou produzidos para tal formação profissional devem ser instrumentos para a aprendizagem, reconhecendo as sociedades indígenas, possibilitando aos agentes uma compreensão de tal contexto. Em outras palavras, é preciso que os recursos didáticos, principalmente, os livros didáticos trabalhem a diversidade étnica, classificando as populações indígenas de modo heterogêneo e apresentando-as vivas no presente.

Mas, já conseguimos romper com as representações que generalizam características, vozes e imagens dos indígenas do Brasil? Oliveira (2003) explica que a representação é um processo de significação histórica, socialmente construído e determinado por relações de poder, contudo, sujeita a questionamentos. Isto quer dizer que a formação do agente na área de saúde indígena é uma forma também de descolonizar as mentes quanto as noções em torno de sua cultura, e essa tentativa fica evidente no Mapa de Competências e na Estrutura Curricular que orientam quanto as diretrizes para a qualificação do AIS e AISAN.

Segundo o Ministério da Saúde “os responsáveis pelo curso deverão selecionar e indicar materiais didáticos pertinentes ao desenvolvimento das atividades do currículo a serem disponibilizados em quantidade suficiente para uso e consulta dos alunos” (BRASIL, 2018, p. 85). Em suma, o livro didático, em alguns lugares do país, onde ocorre a qualificação do agente indígena de saúde, muitas vezes o único instrumento de trabalho do/a formador/a devido à distância e as condições infraestruturais, porém, essa ferramenta deve ser crítica, desvinculada do conhecimento eurocêntrico, ou seja, nesse processo a formação deve buscar materiais didáticos que possam explorar a realidade dos próprios indígenas. Os materiais didáticos devem valorizar as sociedades indígenas através de um:

conjunto de estratégias de ensino-aprendizagem empregado deverá garantir a coerência entre a proposta pedagógica e o material didático delineado, assim como pertinência à realidade dos alunos, por exemplo, dramatização, rodas de conversa, pesquisa de campo, construção de maquetes, desenhos e modelagens, complementados pelo uso de vídeos, relatos de caso e mapas falados (BRASIL, 2018, p. 127).

Veja que o Ministério da Saúde indica algumas metodologias de trabalho para a qualificação do AIS e do AISAN, mas é importante lembrar que os livros didáticos, apostilas, entre outros materiais devem ser organizados considerando as rupturas e permanências dos povos indígenas, portanto, com imagens, atividades, avaliações que apontam a diversidade, principalmente, entre a medicina tradicional e a biomedicina.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Utilizou-se, como aporte metodológico, a análise documental e a abordagem qualitativa. Analisou-se a Diretriz Curricular Nacional para a formação dos Agentes Indígenas de Saúde (ASI) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN), além dos 16 (dezesesseis) livros temáticos e ilustrados, sendo 12 volumes para a qualificação do AIS e 8 volumes para o AISAN. A análise documental é uma metodologia de pesquisa que se baseia na investigação e interpretação de documentos como fontes primárias de informação

Ao analisarmos as unidades desse material didático, observamos o seu conteúdo e o que abordam sobre a saúde dos povos indígenas. Dessa forma, descrevemos a metodologia usada na distribuição dos conteúdos conforme as Áreas Temáticas que contemplam tanto o AIS como o AISAN.

Nessa divisão temática os conteúdos de história, cultura indígena e as doenças como malária, infecções respiratórias, tuberculose, hepatite, doenças sexualmente transmissíveis

(DSTs) são abordados. Avaliamos também a iconografia usada pelo projeto de diagramação para representar os povos indígenas, bem como as atividades pedagógicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A organização didática e temática

O material didático do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” foi produzido buscando relacionar teoria e prática, além de contemplar a carga horária de 500 horas, distribuídas conforme as Áreas Temáticas.

Para fins didáticos, a organização dos conteúdos tem como referência as competências delineadas, distribuídas pedagogicamente em áreas temáticas, de forma a contemplar habilidades, conhecimentos e atitudes concernentes, objetivando o perfil de conclusão estabelecido para o curso (BRASIL, 2018, p. 36).

Isto quer dizer que profissionais de diversas áreas do conhecimento contribuíram com a material didático do curso de formação para o AIS e para o AISAN, logo epistemologicamente fundamentando na transdisciplinaridade.

Figura 1: Material Didático utilizado na Formação dos Agentes Indígenas de Saúde e Saneamento



Fonte: Brasil (2018).

O material foi organizado em unidades, ao todo são 16 livros temáticos e ilustrados; são 12 volumes para a qualificação do AIS e 8 volumes para o AISAN. Esse material aborda os temas propostos nas Áreas Temáticas conforme recomenda o documento de diretrizes e orientações. A metodologia adotada pelos/as escritores/as foi epistemologicamente voltada para

à atenção primária e ao papel dos agentes indígenas de saúde e agentes indígenas de saneamento nas ações básicas de saúde nas comunidades indígenas.

A Área I “Promoção da Saúde no Território Indígena” foi dividida em quatro unidades, produzida para atender ao mesmo tempo a formação do Agente de Saúde Indígena (AIS) e do Agente de Saúde Indígena de Saneamento (AISAN), uma vez que o conhecimento em torno do conceito de território é primordial para os/as profissionais que trabalham com as comunidades étnicas do Brasil.

A Área II “Processo de Trabalho do Agente Indígena de Saúde” e a Área III “Ações de Prevenção a Agravos e Doenças e de Recuperação Da Saúde Dos Povos Indígenas”, também foram divididas em unidades e são específicas tanto para a formação do AIS quanto para o AISAN, contudo, na Área III as unidades foram organizadas em volumes voltados somente para o AIS.

Em todas as unidades, seja no começo ou na metade do texto, para fundamentar conceitualmente o tema, indica-se uma *Atividade Proposta*. Nesse sentido, nota-se o esforço que os/as autores/as fizeram para contemplar as experiências concretas das sociedades indígenas, buscando aplicar ao seu cotidiano, ao seu jeito de ser e aos seus comportamentos os temas e os conceitos acadêmicos.

É uma tentativa de colocar os/as indígenas – que estão se qualificando para ser agente de saúde em sua comunidade ou em outra diferente comunidade indígena – como objeto de reflexão do curso e de sua própria reflexão. Cria-se um novo paradigma de pensamento, cujos conceitos e teorias se abrem para os/as indígenas, os/as quais podem rompê-los ou reconstruí-los dialogicamente. Na linha Freiriana, é um repensar junto, ou seja, junto com os conceitos estabelecidos, junto com os formadores e junto dos e com os/as indígenas.

Quanto aos temas, nas unidades da Área I, território é um tema central e foi pensado em diferentes dimensões, a saber, étnica, demográfica, política, econômica, social, cultural, histórico e ambiental. Tais dimensões se relacionam ao trabalho realizado pelo AIS e AISAN. Logo, trata das políticas dos problemas de saúde nos territórios indígenas. Aborda o AIS e AISAN como sujeitos políticos na construção e implementação das políticas de saúde. Discute a organização e planejamento do trabalho da Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (EMSI).

Na Área II, a unidade I, voltada para o AIS, trata de sua origem histórica, desde o lançamento do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) até a produção do material didático que está sendo analisado neste artigo. Define também as atribuições dos AIS

como integrantes da EMSI e a estrutura do DSEI, além de abordar o processo de trabalho do AIS no cotidiano da aldeia e do serviço de saúde.

Nesta mesma área, há mais duas unidades, porém, voltadas para o AISAN, portanto, distribuídas em unidade I e II. Estas unidades abordam os conceitos de sustentabilidade, o ambiente e a saúde das populações com destaque para o trabalho do AISAN. O objetivo é compreender e identificar as questões ambientais existentes nos territórios como o manejo das águas dos rios, a utilização das águas e suas relações com as condições de vida e saúde dos povos indígenas.

Na Área III, a unidade I foi distribuída em quatro volumes, os quais estão voltados para o trabalho do AIS, abordando as características e os papéis sociais da família; a alimentação e nutrição nas famílias indígenas; o ciclo de vida e as fases que envolvem a gravidez, o parto, puerpério, o crescimento e o desenvolvimento da criança. As demais unidades dão visibilidade ao AISAN e ao seu papel em fortalecer a participação da comunidade na atenção básica. Aborda o trabalho do AISAN com base no modelo da vigilância em saúde, e nos sistemas de informação em saúde. Contempla os saberes e as práticas de cuidado, tratamento e cura na perspectiva indígena. Trata do desenvolvimento de ações de prevenção a doenças e agravos, de recuperação da saúde e preservação da vida, fundamentadas no modelo de atenção primária e seus protocolos.

No âmbito destas unidades, o tema saúde permeia a discussão de modo geral. Nota-se que é um assunto delicado de abordar, sobretudo, no que tange as práticas indígenas de cura. Os estudiosos que compõem o *corpus* intelectual de produção do material analisado neste artigo foram desafiados e centralizaram seus esforços em evitar tensões entre a medicina ocidental e a medicina tradicional indígena, valorizando, de certa forma, a participação das sociedades étnicas na estruturação do “Programa de Qualificação” do Ministério da Saúde.

4.2 Os recursos imagéticos

O material pedagógico do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” fez esforço de representar o cotidiano das comunidades indígenas nos conteúdos trabalhados nas unidades das três Áreas Temáticas através de imagens. Trata-se de um recurso comum nos processos de ensino-aprendizagem de todos os níveis de formação educacional, cuja ferramenta corrobora com a construção de conhecimentos.

A imagem enquanto elemento que estimula a educação está atravessada de conteúdo, logo está sujeita a problematização quanto aos seus efeitos. Parte-se do pressuposto que as

imagens engendram reflexões, desse modo, devem estabelecer relações com o texto, ou seja, ambos devem ser coesos entre si.

Já faz tempo que na educação brasileira a figura dos indígenas que permeia os livros didáticos remonta os tempos coloniais. Trata-se de uma imagem construída por viajantes, missionários e colonos, e que se perpetuou até o tempo presente, por exemplo, “ao se referir a grupos indígenas da Amazônia, Buffon é atraído, sobretudo, por sinais que identificam esses grupos como portadores de costumes selvagens. E do ponto de vista evolutivo são classificados entre os povos mais primitivos” (PINTO, 2008, p. 18).

A noção de selvagem e primitivo é um sistema de pensamento criado para interpretar as sociedades humanas que viviam nas regiões tomadas por espanhóis e portugueses no continente americano. Tal interpretação caracterizou os indígenas como um ser genérico, vinculado à natureza, por esse motivo, seu biotipo e seu modo de ser são características correspondentes às demais espécies que vivem em florestas.

Durkheim, sociólogo francês, chamou, sociologicamente, essa forma de agrupamento humano de solidariedade mecânica, cuja forma de assegurar a coesão social (regras sociais) se dá por meio das mesmas visões e valores que partilham de modo arcaico ou tribal. Nesse sentido, a atribuição de selvageria corresponde aquele que não é civilizado, que se alimenta da caça, anda sem roupas e sem sandálias, usa o mesmo corte de cabelo e possuem os mesmos valores materiais.

Contudo, essas concepções que por um período de tempo endossou o pensamento científico, nesse mesmo sistema outras ideias surgiram, abarcando outras interpretações. Nesse sentido, a ideia de ser genérico foi rompida e em seu lugar ganhou destaque a noção de etnicidade; categoria analítica que descreve um grupo de indivíduos que se autodefine e é definido por outros como diferente, que supõe algum tipo de identificação coletiva, como o compartilhamento de uma história ou ancestral comum. Com base nesse conceito, as sociedades indígenas partilham de modo diferente aspectos culturais como a linguagem, pinturas, acessórios, crenças, moradias, comportamentos, rotina de trabalho, entre outros.

Diante do exposto, ao avaliarmos o material didático citado no início desta seção, notamos que as imagens que representam os indígenas e suas comunidades locais estão organizadas dentro dos textos e se comunicam com os assuntos das unidades. Dessa forma, a imagem e o texto estão em locais estratégicos para que um complemente o outro, assim, as imagens não atrapalham a leitura e nem o entendimento dos temas.

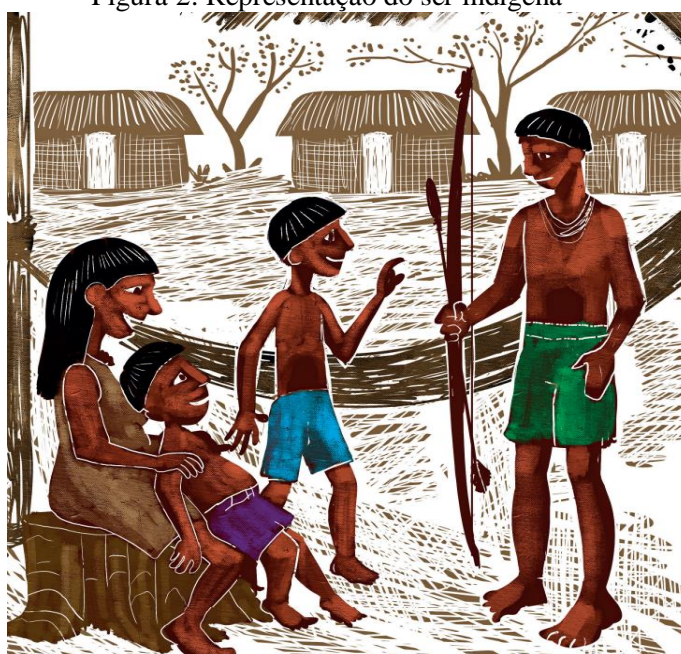
Para atender esse tipo de formação os escritores usaram uma linguagem técnica, mas ao mesmo tempo informal, assim, o projeto de diagramação levou em consideração o público alvo

do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas” e a elocução usada na abordagem das unidades temáticas. Portanto, no projeto gráfico, os indígenas foram representados no formato de desenho, numa tentativa de dialogar com a linguagem textual, além disso, nesse processo de criação as cores selecionadas são expressivas, logo os tons atraem o olhar para os humanos, espaços, cenas, ambientes e moradia, e, ao longo das unidades os desenhos e as cores não mudam, ou seja, são uniformes em todas as páginas e elas passam a simbolizar o/a indígena, o seu cotidiano e o ambiente onde vive na mente do/a leitor/a, ou seja, do/a estudante.

Tais aspectos nos ajudam a refletir acerca da imagem criada em torno dos humanos, alvos do “Programa de Qualificação” supracitado. Assim sendo, as observações nos levaram a concluir que os desenhos representaram os indígenas como um ser genérico; as ilustrações acerca do seu cotidiano vinculado à fauna e à flora nos levaram a pensar que a rotina das aldeias é impactada, transformada unicamente pelos eventos naturais.

Trata-se de uma imagem reproduzida em todas as unidades das Áreas Temáticas: cabelos lisos, de comprimento uniforme em toda a sua extensão, da franja a nuca; na maioria das vezes descalços; pele amarronzada; sem pintura corporal e com poucas roupas; porém, há momentos em que aparecem com pinturas, bem como com adereços de penas; o arco e a flecha são os principais símbolos em destaque e sob o domínio do gênero masculino.

Figura 2: Representação do ser indígena



Fonte: Brasil (2018).

Ao observarmos a imagem acima produzida pelo projeto de diagramação percebemos que ela não reflete a imagem que os indígenas têm de si mesmo, além disso, o seu lugar

remonta aos tempos passados, logo o estereótipo é reproduzido, reforçando a noção de um ser genérico, romantizando ou simplificando a sua relação com a natureza. Contudo, ao mesmo tempo, que essa representação atravessa as unidades, os/as autores/as usaram fotos tiradas nas aldeias que representam a vida cotidiana, e de momentos em que os indígenas participavam do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas”.

Figura 3: Estudantes Indígenas do CTACIS/Fiocruz



Fonte: Brasil (2018).

Essa figura de certa forma descaracteriza os traços que foram usados para representar os humanos das sociedades indígenas do Brasil no material didático analisado. Porém, os desenhos criados e diagramados chamam mais atenção e afetam diretamente o subconsciente de quem acessa o material. Nesse momento, vale argumentar: em torno dessa imagem as reações são positivas ou gera estranheza no público alvo?

Observamos que a inspiração dos diagramadores vem dos povos que habitam a Terra Indígena do Xingu. Trata-se de uma visão hegemônica que toma os indígenas do Mato Grosso como único aspecto étnico. Desse modo, o impacto visual promoveu na equipe, que avaliou o material didático, uma sequência de reações devido a repetição dos desenhos que representam os traços indígenas, mesmo sendo reproduzidos conforme o conteúdo das unidades, porém, em vários momentos não se harmonizou com outras imagens, como a figura abaixo:

Figura 4: Mulher indígena, carregando seu filho e ao mesmo tempo preparando a farinha de mandioca



Fonte: Brasil (2018).

Ao olharmos essa foto nos desprendemos das imagens que abrem as unidades e ao mesmo tempo o efeito dela é o de contemplação associado a uma leitura acerca da mulher indígena que está mergulhada em muitos desafios sociais que também fazem parte da sua rotina. Sobre isso, explicaria a pesquisadora Teresinha de Oliveira (2003, p. 26)

as formas discursivas que tendem a generalizar características, vozes e imagens, traços comuns articulados estrategicamente, criaram e reforçam o estereótipo que é instituído por uma repetida sequência de “certezas”, no qual quem tem sua fala legitimada atribui aos “outros” seus significados de forma segura, estável e inquestionável. O estereótipo não representa, no caso, um índio pré-existente, anterior ao discurso, mas a cristalização de discursos.

Portanto, em concordância com a leitura da estudiosa supracitada concluímos que a iconografia usada para representar os indígenas do Brasil no material didático do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” são representações que tendem universalizar atributos do tipo: “índios usam arco e flecha; moram em ocas; furam o corpo para colocar objetos ‘estranhos’, como ossos e pedaços de madeira, considerados enfeites; andam nus (ou seminus), enfim, são diferentes de ‘nós’” (OLIVEIRA, 2003, p. 29).

4.3 As atividades pedagógicas

As atividades pedagógicas indicadas no campo *Atividades Propostas* das unidades são perguntas atreladas ao tema, por exemplo, O que você entende pela palavra “território”? Por que o AIS e AISAN devem conhecer a cultura de sua etnia e aldeia? Quais são os trabalhos de responsabilidade dos homens e das mulheres na sua aldeia? Faça uma conversa com outros agentes sobre o que vocês entendem pela palavra diagnóstico (BRASIL, 2016).

São exercícios de compreensão textual que exigem respostas objetivas e ao mesmo tempo é um espaço de liberdade onde os/as indígenas possam apreender e transformar os conceitos, por exemplo, uma das *Atividades Propostas* foi: “pensando nos conhecimentos

tradicionais, pesquise junto aos mais velhos de seu povo quais são as explicações para as doenças que estão relacionadas ao lugar, à terra, aos espíritos que habitam este lugar e ao ambiente em que vocês moram” (BRASIL, 2016).

Chama atenção nesta *Atividade Proposta* o termo “tradição”. Trata-se de uma categoria, que segundo o estudioso Alfredo Wagner Almeida está no inconsciente coletivo “como se opondo ao moderno, o tradicional como um vestígio do passado, o tradicional como um atraso” (2005, p. 02). Mas, a *Atividade Proposta* possibilita um espaço amplo de entendimento a partir do olhar indígena, e pode se constituir numa nova categoria operacional para entender situações concretas e complexas de sua própria realidade, ou seja, os exercícios desafiam o estudante a pensar sobre o seu contexto sócio-histórico.

Outra ferramenta pedagógica apresentada como *Atividade Proposta* nas unidades é a indicação de filmes, como “História das políticas de saúde no Brasil”, “Uma casa, uma vida”, “Xingu”, “Angola com Agente”, “Índios no Brasil: quem são eles?” (BRASIL, 2016).

A produção cinematográfica enriqueceu o material didático como proposta de aprendizagem e está totalmente relacionada aos temas; aprofunda a reflexão acerca de diversos conhecimentos; alinha-se às questões levantadas, aproximando o/a estudante da sua realidade. Além disso, é uma ferramenta assíncrona, ou seja, o/a estudante pode assistir o filme em sua casa e em sala de aula, conforme a discussão, pode emitir opiniões em discussões orais.

A pesquisa é também um dos recursos que ganha destaque nas *Atividades Propostas*. Atribuir importância a pesquisa enriqueceu ainda mais o processo de ensino-aprendizagem do agente indígena de saúde em formação, e sem sombra de dúvida é uma aliada para a construção de novos conhecimentos, cuja prática deve ser encarada como algo diário no que tange as ações desenvolvidas pelo AIS e pelo AISAN.

Chamou a atenção essa atividade de pesquisa: “Faça uma pesquisa na sua aldeia com lideranças, mulheres, professores e outras pessoas que conhecem e viveram essas mudanças no atendimento à saúde depois dessa conquista”. Trata-se de uma atividade onde a entrevista se faz necessária, por isso, a elaboração de roteiro foi suma importância. Desse modo, um roteiro foi feito com as seguintes perguntas: O que você entende por atenção diferenciada à saúde dos povos indígenas? Como era o atendimento de saúde antes da implantação dos DSEI? Quais são os aspectos positivos e as dificuldades para a garantia do direito à atenção diferenciada em sua comunidade? (BRASIL, 2016). Perguntas como estas orientam o diálogo, e assim é possível colher dados, saber informações, detalhes, características acerca das experiências que a pesquisa busca saber.

Explorar o conteúdo proposto na Estrutura Curricular do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” garantiu que as cinco competências fossem desenvolvidas, a saber, argumentação; criatividade; liderança; oralidade; pensamento crítico; responsabilidade e disciplina; visão de mundo e produção de novos conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de conhecimento que o material didático é uma das ferramentas mais importantes no processo de formação educacional. Nesse artigo, conforme a percepção dos seus autores, mostramos que a diagramação do material do “Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” é rica em cores e atrai os olhares, por isso, o recurso visual buscou alinhar-se ao texto. Para isso, imagens da aldeia, do cotidiano indígena dentro das unidades são elementos presentes.

Em termos das ilustrações e dos temas o lugar dos povos indígenas nas unidades temáticas é imprescindível. Sua participação nas formações contribuiu para a produção dessa obra, porém, percebemos que ao mesmo tempo que os/as indígenas participaram como sujeitos ativos não foi difícil constatar que os mesmos foram tomados na abertura das unidades como seres genéricos, reforçando a noção de que são sujeitos passivos.

Nesse sentido, os desenhos diagramados são suportes pedagógicos para atingir os objetivos da obra supracitada. Mas, o uso de figuras reais da vida cotidiana pelos/as escritores/as foi positivo, pois aproximou o/a estudante da realidade indígena.

Quanto aos temas, principalmente, o assunto saúde, para fins didáticos e técnicos, perpassou as três Áreas Temáticas, ou seja, a abordagem não foi uma discussão profunda filosoficamente falando, mas se fundamentou em paradigmas conforme os conhecimentos técnicos dos/as escritores/as. Desse modo, os textos buscaram ensinar o/a estudante, em formação no campo da saúde indígena, visando alcançar esse fim, a saber, conhecer as técnicas e científicas de saúde e, ao mesmo tempo, trocar as experiências e conhecimento acerca dos saberes tradicionais de cura das culturas indígenas.

Sobre a metodologia escolhida para fixação do aprendizado, as atividades foram exercícios com perguntas que levam os/as estudantes a dissertarem sobre o assunto, além de filmes e pesquisas voltados para os conhecimentos de vários povos indígenas brasileiros.

Os 16 (dezesseis) livros buscaram proporcionar a formação técnica e científica em saúde de modo contextualizado. Nesse sentido, ao apreciarmos a partir da divisão didática, dos recursos imagéticos, das atividades pedagógicas, observamos que o “Programa de Qualificação

de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)” cumpre com o critério: desenvolver um material didático para a qualificar AIS e AISAN.

AGRADECIMENTOS

O texto faz parte de um relatório de Pesquisa financiado pela Fundação de amparo à pesquisa do estado do Amazonas (FAPEAM) e Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), que versa sobre uma análise das ofertas de Educação Profissional e Tecnológica no contexto indígena. Agradecemos, portanto, às duas instituições Amazonas pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner de. **Conceito de terras tradicionalmente ocupadas**. Palestra – Seminário sobre questões indígenas, 2005. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/14/o/TERRAS_TRADICIONALMENTE_OCUPADAS_ALFREDO_WAGNER_BERNO_DE_ALMEIDA.pdf?1497272497. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Agente Indígena de Saúde e Agente Indígena de Saneamento: diretrizes e orientações para a qualificação** [recurso eletrônico]. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN)**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://www.matogrossodosul.fiocruz.br/areas-tematicas/saude-dos-povos-indigenas/projeto-de-estruturacao-do-curso-de-qualificacao-e> . Acesso em: 15 ago. 2023.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

OLIVEIRA, Teresinha Silva de. **Olhares que fazem a “diferença”: O índio em livros didáticos e outros artefatos culturais**. In: Revista Brasileira de Educação, MG, p. 25-34, 2003. Disponível em: <https://bibliasp.org/wp-content/uploads/2014/05/10br.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

PINTO, Renan Freitas. **Viagem das ideias**. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2008.